

ALFABETIZAR E LETRAR CRIANÇA COM AUTISMO POR MEIO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA: ESTUDO DE CASO

Fabiana Almeida Moura

Universidade do Estado da Bahia-UNEB

Crizeide Miranda Freire

Universidade do Estado da Bahia-UNEB

Kátia Cristina Novaes Leite

Universidade do Estado da Bahia-UNEB

Resumo: Este relato de experiência abrange as atividades que tenho desenvolvido na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), no período de cinco meses atuando como monitora de uma criança diagnosticada no Transtorno do Espectro Autista (TEA), através do projeto de extensão: Alfabetização e Letramento: construção individual e coletiva, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em parceria com a referida associação. A criança frequenta a APAE duas vezes por semana para receber atendimento educacional especializado, em parceria com profissionais da saúde que atendem no Centro Especializado em Reabilitação CEER/APAE (Terapeuta Ocupacional, Fonoaudiólogo e Psicóloga – com especialidade em autismo). Mediante a necessidade que essa criança tem, faço uso da comunicação alternativa, baseada nas estratégias do uso de Picture Symbols Communication (PCS) e do método de intervenção comportamental Picture Exchange Communication System – Sistema de comunicação por meio de imagens (PECS), manifestando com as intervenções significativas melhoras no comportamento, sociabilização, participação e na aquisição de novos vocábulos, assim como, a melhor compreensão destas palavras quando são pronunciadas e escritas nas atividades. Como embasamento para compreensão dessa estratégia e para o desenvolvimento de um trabalho que favoreça o crescimento efetivo desse aluno nos aportamos nas discussões sobre o processo inclusivo, as abordagens acerca do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), além das concepções sobre Letramentos, tomando de empréstimo as falas de SHIRMER (2008.); SILVA (2014); PASSERINO (2010) entre outros.

Palavras-chave: Letramento. Autismo. Comunicação Alternativa.

Introdução

Ensinar uma língua, mesmo sendo a língua materna para uma criança com autismo, pode ser bem complexo, visto que ela apresenta dificuldades na interação social e na comunicação. Muitas destas crianças são não verbais até certa idade ou se mantêm numa situação permanente. Em contribuição para o verbalismo é necessário o uso de muitas imagens, principalmente que

sejam do interesse de cada uma, pois o visual é um estímulo pertinente ao processo de aprendizagem. Além disso, a comunicação alternativa é uma alternativa eficaz para minimizar as dificuldades apresentadas quando ela quer expressar seus desejos, dúvidas ou quer brincar com colegas e familiares.

No desenvolvimento humano, a linguagem tem um papel essencial constituindo-se num elemento crítico para a aquisição de sistemas simbólicos, como a escrita, a leitura e a Matemática, assim como para desenvolver habilidades de relacionamento interpessoal. A ideia de dar o suporte necessário para que sujeitos com limitações totais ou parciais em sua linguagem falada foi o que fez emergir o conceito ao qual chamamos de CAA (PASSERINO, ÁVILA, BEZ, pag.03, 2010).

A maneira como a criança se comunica precisa ser compreendida de modo que seja mais fácil para ela firmar a comunicação e esta é manifestada por intermédio da emissão de sons, olhares, de gestos como apontar com o dedo e/ou pela expressão corporal e facial. É notória a importância da Comunicação Aumentativa e Alternativa -CAA no desenvolvimento da comunicabilidade do indivíduo, pois através do seu uso, o sujeito poderá melhorar a autonomia, ou seja, a sua capacidade de planejar a sua própria vida, estabelecer uma relação com os outros, em conjunto com eles e, principalmente, participar ativamente da construção da sociedade. A CAA deve ser entendida como um instrumento para o desenvolvimento da autonomia e, como tal, para o relacionamento. Quando o usuário se apropria do recurso de CAA, isso se torna um prolongamento do seu corpo, da voz, da fala o que auxilia e reflete na sua capacidade de se relacionar com os outros e consigo mesmo (SHIRMER, 2008).

Uma forma de auxiliar a comunicação de indivíduos que indicam os objetos com o dedo, principalmente, é a utilização de PCS prancha construída com os símbolos, em razão de haver imagens e vocabulário do cotidiano, que precisam estar acessíveis, possibilitando à criança visualizar alternativas e respostas, todas as vezes que for solicitada a fazer alguma atividade ou/e, principalmente, para que ela tenha autonomia – pegar um dos cartões quando precisar se comunicar com alguém. Ela pode responder sinalizando com a cabeça para responder “sim” e “não” quando algum de seus colegas de grupo ou professor passarem a mão sobre a prancha com objetos, símbolos e figuras. As pranchas podem estar coladas nas mesas das crianças, na porta da

sala, no armário, na parede da sala, do pátio, do banheiro para facilitar o aprendizado e a utilização.

Os PCS são meios que contribuem com o letramento e a alfabetização do sujeito que não consegue escrever, bastando para tanto, usar a comunicação alternativa escrita por meio de letras com material emborrachado, com plaquinhas de madeira e até mesmo letras em papel que podem ser coladas nos cadernos de tarefas e nas produções de cartazes, painéis realizados em conjunto ou individualmente, e nas questões de múltipla escolha. Para isso, é importante considerar que, apesar do uso dos cartões, é necessário adaptar o material de apoio e pedagógico a fim de colaborar com o entendimento sobre a tarefa a ser realizada, no momento da explanação e realização das atividades, sejam elas avaliativas ou não, no intuito de incluir a criança em todas as atividades desempenhadas na instituição de ensino, no ensino regular ou no Atendimento Educacional Especializado. Segundo Belsário Filho,

Uma estratégia que poderá ajudar é a utilização de recursos de apoio visual confeccionados pela escola, já que devem ser criados, com base no seu cotidiano, junto ao aluno, para serem associados, ao se dirigir a ele, a fim de comunicar-lhe sobre o que é esperado dele, o que acontecerá em seguida na rotina escolar e para oferecer-lhe o atendimento às suas necessidades ou a oportunidade de fazer escolhas. (BELSÁRIO FILHO, p. 34, 2010).

Em síntese, essas estratégias levam o sujeito a desenvolver-se e a aprender de acordo com suas particularidades e possibilidades, a fim de obter avanços significativos através do desenvolvimento da autonomia. Importante ressaltar que, o uso de estratégias visuais de representação e ordenamento de conteúdos coopera de modo integrado com as habilidades cognitivas, afetivas, motoras e sociais, além de serem efetivas também para os indivíduos neurotípicos.

Assim como o uso de PCS, há também outro sistema de intervenção de comunicação alternativa que é utilizado principalmente com indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), Picture Exchange Communication System – Sistema de comunicação por meio de imagens (PECS) que é de fácil produção. O material necessário é simples porque foi criado pensando em diferentes públicos – professores, pais, cuidadores -, com a finalidade de ser aplicado

em diversas situações. Apesar de cientistas continuarem suas pesquisas a fim de comprovarem a eficácia deste sistema, há comprovação de progressão quando ele está sendo aplicado, por ser perceptível o avanço, comparando-se o início do processo com a fase final, em que a criança aprende a trocar uma única figura por tarefas que ela realmente deseja, até substituir a imagem pela palavra.

Os PECS aproximam o indivíduo com autismo de outras pessoas quando ele substitui a imagem por algum objeto - quando convoca -, além disso, por ser visual, o concreto, o pegar e o olhar acabam por facilitar essa troca. É imprescindível que as pessoas que estão diretamente aplicando este sistema saibam também usar métodos que não sejam complexos, para que o aprendizado aconteça de forma natural, simplificada e prazerosa e que a intervenção seja dialogada entre professores, cuidadores e profissionais da área de saúde que atendam o sujeito. Segundo Silva,

Devido a tudo isso, os modelos de intervenção presente hoje no ensino do aluno com TEA possibilitam a criação de alternativas educativas com adaptação curricular funcional que proporcione a autonomia e o aprendizado destes. Por meio de programas de mudanças na conduta do indivíduo com TEA é provável que se observe melhoras nas manifestações clínicas presentes no TEA e favoreça a aprendizagem propriamente dita. (SILVIA, p. 28, 2014).

É imprescindível os modelos de intervenção elaborados para atender os alunos com TEA com eficiência, bem como a importância dos métodos adotados pelos profissionais, seja em escola de ensino regular ou em Atendimento Educacional Especializado. Contudo, é necessário que eles estejam dialogando entre si, que as instituições estejam aptas a contribuir no processo de ensino e aprendizagem, e que os profissionais revejam a sua prática a partir do planejamento e da avaliação diária em cima das potencialidades de cada um e não de suas dificuldades.

Desenvolvimento do trabalho

O presente trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, realizada por meio de estudo de caso, através da aplicação de um projeto como monitora, analisando as diversas situações que o

aluno utilizou para compreensão e interação em atividades realizadas em conjunto ou singular. Por referir-se a uma pesquisa em andamento, serão apontadas e discutidas somente as fases iniciais da execução do projeto, fazendo uma comparação entre as estratégias utilizadas através da comunicação alternativa, PECS e a evolução da criança com TEA.

A saber, as atividades sinalizadas acima vem do diálogo com o projeto “Letramento: construção individual e coletiva”, que aponta como objetivo principal, investigar as práticas e eventos de letramento em diversas modalidades e espaços sociais, com o intuito de contribuir para o aprofundamento e difusão dos níveis de leitura e escrita. Este projeto é uma atividade de pesquisa e extensão efetuando uma parceria entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) CAMPUS IV e o CAEE/APAE, com o propósito de consolidar ações que visem ao aprofundamento de estudos neste campo, evidenciadas nas discussões acadêmicas, mas que ainda não tem sido contemplada no currículo do curso. Além de oportunizar aprendizado e inclusão da criança com autismo.

A monitora tem carga horária de 20h na entidade, destas 20h, 4h são para encontros com a coordenadora pedagógica, professores e estagiários para discussão a respeito das temáticas adotadas, a confecção de material, a adaptação de material pedagógico, estudos e planejamento semanal. Com o partícipe da pesquisa, o contato é apenas dois dias na semana, considerando que em um destes dias – quinta-feira -, a terapeuta ocupacional faz atendimento de cinquenta minutos no período em que a criança está com a monitora. Nesse espaço de tempo, além de dar assistência, a TO dialoga com a monitora para que ambas exerçam um trabalho em conjunto, instruindo-a a inserir na sua prática tarefas que exerçam a integração sensorial – indispensável no desenvolvimento da criança, principalmente da criança com autismo, para que a evolução aconteça de forma mais rápida e efetiva.

Na segunda-feira, - o outro dia que a criança frequenta o estabelecimento -, a psicóloga com especialidade em autismo, observa o desempenho da monitora, com a finalidade de designar técnicas que contribuam na intervenção dela e examina atentamente o comportamento da criança nas diversas situações – em brincadeiras no pátio, sozinha ou em equipe, no momento do lanche, na realização das tarefas – para intervir junto com a monitora, com o propósito de facilitar o aprendizado da criança de maneira agradável e satisfatória, do mesmo modo que propicia

melhoramento na percepção e desenvoltura da monitora. Nos outros dias, a monitora auxilia os professores em suas turmas, priorizando sempre as crianças/adolescentes com autismo.

A monitora atua basicamente como mediadora, pois ela participa com a criança das aulas ministradas pelas professoras em seus respectivos projetos, traduzindo o que é dito durante a explanação das temáticas, através de adaptação de material de acordo com os interesses da criança e da Comunicação Aumentativa Alternativa. Além de inserir o tema do projeto - que a levou a monitorar - no momento da aplicação das atividades propostas, inclui atividades que exercitem a concentração e a integração sensorial da criança. O projeto ressoa em outra prática da monitora, quando atua como mediadora de uma criança com autismo, que estuda em uma escola de ensino regular, no fundamental I, mais especificamente no quinto ano, na cidade de Jacobina, sendo esta prática encaminhamento de seus estudos e pesquisas enquanto componente do Grupo de Estudos de Educação Inclusiva e Especial (GEEDICE).¹

Participante

A criança tem 10 anos de idade, foi diagnosticada com TEA somente aos sete anos - o que acabou dificultando seu desenvolvimento por não haver intervenção e orientação de profissionais especializados para atender a esse público -, a partir do diagnóstico, ela passou a ser acompanhada por terapeuta ocupacional, psicopedagoga e psicólogo, na cidade em que vivia no estado de São Paulo/Brasil, pela rede pública de saúde, além de frequentar a associação de amigos dos autistas (AMA). Ao se mudar para a Bahia, ficou sem receber atendimento especializado por quase um

¹ Fundando em agosto de 2015 em Jacobina, o GEEDICE atua como núcleo de discussão sobre educação inclusiva e especial a partir da perspectiva posta pela diversidade como concebida pelo multiculturalismo crítico, que concebe o outro não apenas como sujeito que aprende, mas também como sujeito que produz conhecimento - sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. O GEEDICE é braço do grupo de pesquisa Diversidade, formação, educação básica e discursos (DIFEBA). Em interseção com o DIFEBA, o Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) da UNEB, e o Departamento de Ciências Humanas - UNEB Campus IV, Jacobina, o GEEDICE se propõe como espaço de escuta e acolhida das diversas experiências para construção de propostas de formação continuada que atendam à demanda da inclusão na região, considerando o professor da rede regular de ensino em diálogo com os saberes teóricos e práticos de sua formação em sala e dos professores especializados, a cargo das salas de recursos multifuncionais, bem como os da educação especial.

ano. Este ano (2017), a criança retomou o acompanhamento em grupo e individual com terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, psicóloga – especialista em autismo - e psicopedagoga.

A criança apresentava a especificidade de ser autista não verbal à época da liberação do laudo diagnóstico, e ficou perceptível que, com o tempo, já estava se expressando através de balbuciações, apenas; depois apresentou ecolalias bem restritas e de difícil compreensão, e isso denota que, a partir das terapias, do trabalho na escola regular e do atendimento na APAE, seu desenvolvimento vem apresentando avanços significativos, tais como: melhoria na interação com novos ambientes e as pessoas, melhoria na comunicação com inclusão de novas palavras no repertório.

Diagnosticada com grau severo, ainda é desorganizada, no que diz respeito ao comportamento, à forma de expressão e a questões sensoriais: inquietação, falta de concentração, agitação e agressão física quando é tocada sem ser comunicada ou como uma forma de expressão. É uma criança muito carinhosa e demonstra iniciativas, tais como: abraçaR, beijaR -, interage com crianças de outros grupos, principalmente em atividades e brincadeiras que movimentam o corpo. Cursa o quarto ano da escola regular na cidade que reside – estuda há quase dois anos na mesma escola, e neste período, estudou com três professoras e duas mediadoras, o que acabou complicando o desenvolvimento da criança durante esse processo.

A assistência na APAE iniciou este ano. No início, ela era atendida por duas professoras, após uns dias, por uma professora da instituição e a monitora; depois das observações realizadas pela especialista em autismo, a criança passou um período sendo atendida apenas pela monitora, pois esta necessitava de um trabalho individualizado antes de ser inserida nos grupos, devido a sua desorganização (jogava mesas e cadeiras no chão, jogava objetos e batia – uma forma de comunicação - nas pessoas que estavam próximas a ela). Porém, a parceria entre os profissionais da Instituição seja nos estudos realizados durante as Atividades Complementares (ACs), dirigidos pela coordenadora pedagógica do Centro Educacional Especializado CAEE/APAE e, a colaboração dos professores e estagiários no momento da intervenção, resultou na inserção da criança nos grupos que participa dos projetos executados na fundação.

A criança frequenta a entidade nas segundas-feiras e quintas-feiras, das 13h30 às 17h. Ela está inserida em grupos entre quatro e seis pessoas – com síndrome de Down, com autismo e

deficiência intelectual-, além da professora, estagiária e a monitora. Durante esses dias, ela participa dos projetos de Literatura, Educação Física (corporeidade), Matemática, Artes, Letramentos: construção individual e coletiva, além de frequentar a brinquedoteca e a sala de informática. Lembrando que, a intervenção é sob a orientação da coordenadora pedagógica do CAEE/APAE, a auxiliar da coordenação e a coordenadora do projeto “Letramentos: construção individual e coletiva” que é aplicado pela monitora que acompanha a criança dentro da instituição.

Lócus

A APAE (Associação de pais e amigos dos excepcionais) atende quase duzentas pessoas entre crianças, adolescentes, jovens e adultos. O atendimento pedagógico é feito no CAEE, em pequenos grupos de até 06 alunos – de acordo com a idade, condições físicas e intelectuais - estes grupos frequentam a instituição cerca de dois, três dias na semana, e participam de projetos em área específicas que contemplam os objetivos de seus Planos de Desenvolvimento Individuais – PDI.

Até 2012 a instituição mantinha uma Escola Especial, atuando na modalidade substitutiva de educação com o currículo e a carga horária compatíveis à proposta escolar. Atualmente funciona como AEE (Atendimento Educacional Especializado), direcionado a pessoas com deficiência intelectual, múltipla e com autismo, os atuais projetos são amadurecimentos da antiga proposta escolar com objetivos de fortalecer identidades e desenvolver a autonomia dos alunos. Assim, os grupos participam dos projetos: cada dia um grupo tem o privilégio de frequentar aulas de dois projetos - durante os dias em que estão sendo atendidos. Os projetos existentes são de Literatura, Música, Arte, Matemática, Letramento: construção individual e coletiva, Educação Inclusiva e Educação Especial e Educação Física. Para o desenvolvimento da proposta pedagógica o CAEE/APAE possui 06 professores líderes de projetos, 06 estagiários para acompanhamento dos alunos e mediação, 02 estagiário de projetos de extensão, 01 coordenador pedagógico e 01 auxiliar de coordenação.

Em virtude da APAE de Jacobina estar recebendo um grande número de crianças e adolescentes com autismo, a entidade está passando por muitas mudanças, não apenas na estrutura

física, mas, principalmente, na formação dos profissionais – através de Ciclos de Formação com palestras, oficinas e minicursos - que atuam diariamente com elas, sejam professores, estagiários, monitores, funcionários da merenda e limpeza. Entendemos que, estas mudanças e adaptações feitas são importantes não apenas para as crianças com autismo, mas para as pessoas com síndrome de Down e deficiência intelectual que frequentam a Instituição. Além disso, os profissionais atuam baseados em estudos, critérios técnicos e reflexão, ao passo que elaboram os conhecimentos em constante relação entre os aspectos prático e teórico.

Conclusão

Esse relato é fruto da experiência de cinco meses que venho atuando como monitora de uma criança com autismo que está matriculada na rede regular de ensino, mais especificamente no quarto ano do ensino fundamental I, na cidade de Jacobina e frequenta a Instituição CAEE/APAE e CEER/APAE há cinco meses. No decorrer desses meses, comprovou-se que a partir das intervenções feitas em parceria com os estabelecimentos que a atendem e principalmente, a sua vivência no CAEE/APAE através das atividades aplicadas com material lúdico e pedagógico de acordo com cada projeto e o diálogo entre os projetos já existentes na entidade e o projeto aplicado pela monitora, além da contribuição de todos os envolvidos, a criança mostrou avanços significativos. Pois, em apenas cinco meses de atendimento, dois dias na semana, ela mostra-se menos agitada, interage com mais grupos, frequenta os mesmos espaços ao mesmo tempo em que os outros, adquiriu novos vocábulos, realiza tarefas de escrita e participa de jogos e brincadeiras que exercitam a coordenação motora, a concentração e o raciocínio.

Lembrando que a monitora mesmo tendo quase três anos de experiência com uma criança com autismo, sentiu bastante dificuldade no início do processo, porque a sua atuação como mediadora numa escola regular é com uma criança com autismo moderado, enquanto a criança acompanhada no CAEE/APAE é diagnosticada com autismo severo. Portanto, foi fundamental a colaboração da coordenadora pedagógica – experiência na teoria e prática – que atua há muitos anos dentro da instituição, além de ser proponente do Grupo de Estudos em Educação Inclusiva e Especial (GEEDICE) e ter realizado pesquisa na área como mestranda. Da mesma maneira que a

coordenadora (docente na UNEB CAMPUS IV e proponente do GEEDICE) do projeto – Letramento: construção individual e coletiva - implantado na instituição, através da Universidade, que auxilia a monitora para que o projeto seja efetivamente aplicado.

Considerando o fato de a monitora mostrar interesse na área desde os estudos realizados para o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação – Letras Língua Inglesa e Literaturas -, através das discussões e oficinas feitas no/com o grupo de estudos no qual ela é proponente – GEEDICE -, o projeto “Letramento: construção individual e coletiva” despertou interesse por ser aplicado em uma entidade que atua apenas com pessoas com deficiência intelectual, autismo e síndrome de Down, o que causou muita expectativa por ser uma realidade completamente diferente da que ela estava habituada, ocasionando-lhe mais conhecimento, e dando-lhe oportunidade de correlacionar teoria e prática.

Referências

BELSÁRIO FILHO, José Ferreira. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. 9. ed. Fortaleza: UFC, 2010.

PASSERINO, L. M; AVILA, B. G; BEZ, M. R. **Scala: um sistema de comunicação alternativa para o letramento de pessoas com autismo**. Vol. 8 n. 2. UFRGS, 2010.

PEREIRA, Amanda Cristina dos Santos. **Transtorno do espectro autista (TEA): definição, características e atendimento educacional**. Educação, Batatais, v. 5, n. 2, 2015.

SHIRMER, Carollina Rizotto. **Acessibilidade na comunicação é um direito – comunicação alternativa é um caminho**. Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Eliane Maria da. **Modelos de intervenção para indivíduos com transtorno do espectro do autismo (TEA)**. São Paulo, 2014.